



Subjetividade e alteridade na linguagem jornalística: uma análise dos televisivos Documento Especial e Brasil Urgente

Carlos Alberto Garcia Biernath

Kelly De Conti Rodrigues

Marcelo da Silva

Resumo: Levando-se em conta a autonomia conformada no discurso dos jornais televisivos atuais, este trabalho propõe-se a desenvolver uma análise de dois programas que cravaram suas marcas na televisão brasileira – em termos de inovação, linguagem e alcance: Documento Especial – Televisão Verdade – exibido desde o final da década de 80 até o início da década de 90; e Brasil Urgente – iniciado em 2001 e ainda no ar –, para buscarmos entender como o sujeito jornalista pode influir na disposição dos elementos discursivo-jornalísticos prementes em cada programa – como escolha de pauta. A partir disso, tentamos compreender a caracterização da cotidianidade, da subjetividade do sujeito e, sobretudo, se a alteridade está presente na configuração de diferentes propriedades discursivas. Para isso, ancoramos-nos na Análise de Discurso de tradição francesa como campo teórico-metodológico e no pensamento de autores como Wolton, Charaudeau, Ducrot, Certeu, Lévinas, Heller, Sousa, dentre outros.

Palavras-chave: Análise de discurso. Documento especial. Brasil urgente. Alteridade.

Abstract: **Subjectivity and alterity in journalistic language: an analysis of the programs Documento Especial and Brasil Urgente.** Considering the autonomy of the discourse of television news, this paper proposes to develop an analysis about two programs that have left its mark on Brazilian television - in terms of innovation and audience: Documento Especial–Televisão Verdade - that have been aired from the late 80th to the early 90s -; and Brasil Urgente that started in 2001 and it is still in the air. We aim to understand how the "journalist person" influences the journalistic discursive elements prementes in each program. We will try to understand the characterization of subjectivity and if alterity is present in the configuration of different discursive properties. For this, the methodology used was French discourse analysis and we consider the theories of authors such as Wolton, Charaudeau, Ducrot, Certeu, Lévinas, Heller, Sousa, and others.

Keywords: Discourse analysis. Special document. Urgent Brazil. Alterity.



Comunicação: reflexões empíricas

Desde os primórdios, o ser humano busca se comunicar para interagir com seus semelhantes através de mensagens e códigos. Neste processo, o homem pode fazer uso da fala, da escrita e, mais recentemente, de tecnologias que facilitam essa comunicação, mesmo com quem está a uma distância bem considerável.

Para que este processo ocorra, é necessário que haja um desencadeamento de fatores, que, se bem sucedido, levará a mensagem do emissor ao receptor sem nenhum ruído. Isso se dará graças à capacidade de codificação da mensagem – que também poderá ser decodificada –, e será enviada através do canal e, em caso de sucesso, poderá ocorrer *feedback*.

De acordo com Schramm (1982), citado por Straubhaar e Larose (2004, p. 5), o processo de comunicação envolve oito componentes fundamentais que estão presentes em toda troca de informação:

A fonte (ou emissor) é a originadora da comunicação.

A mensagem é o conteúdo da comunicação, a informação a ser trocada.

O codificador traduz a mensagem para um formato que não pode ser diretamente interpretado pelos sentidos humanos.

O canal é o meio ou sistema de transmissão utilizado para transferir a mensagem de um lugar a outro.

O decodificador reverte o processo de codificação.

O receptor é o destino final da comunicação.

Um mecanismo de resposta (*feedback*) entre a fonte e o receptor pode ser utilizado para regular o fluxo da comunicação.

Ruído é qualquer distorção indesejada ou erro que pode ser introduzido durante a troca de informação.

É neste ciclo ‘comunicacional’ que as informações são transpassadas aos destinatários através dos canais de comunicação. Entretanto, esse método de transmissão não é tão simples como parece: a comunicação diferencia-se da informação – mesmo que pareçam ser a mesma coisa – no que tange ao destinatário e sua reação ante as mensagens recebidas.

Informação x Comunicação

Se por um lado vemos, lemos e ouvimos dizer – em produtos jornalísticos ou livros – que vivemos a “era da informação”, por outro podemos questionar se esse grande número de informação pode significar um bom conhecimento acerca de questões gerais. A isto podemos



entender como informar-se; o ato de se comunicar, todavia, representa um maior entendimento sobre a mensagem recebida, de acordo com Wolton (2006, p. 16):

Informar é produzir e distribuir mensagens o mais livremente possível. A comunicação, em contrapartida, supõe um processo de apropriação. É uma *relação* entre o emissor, a mensagem e o receptor. Comunicar, portanto, não é apenas produzir informação e distribuí-la, é também estar atento às condições em que o receptor a recebe [...]. A comunicação é sempre um processo mais complexo que a informação, pois se trata de um encontro com um retorno e, portanto, com um risco.

É nessa preocupação que reside o berço da comunicação. Nele, o ato de informar só fará sentido se o receptor tiver um legítimo contato com a informação enviada e interagir com/sobre ela, conferindo sua apropriação nesta.

Não menos importante é entender o irrompimento do ciclo de comunicação. A isso alguns autores denominam “desvio na comunicação”.

A alteridade na comunicação

Seguindo o raciocínio do desvio de comunicação, questionamos o limiar entre o ato de informar e as intenções implícitas que poderão existir neste. Na medida em que o número de informações surge aos montes e são divulgadas rapidamente pelos veículos midiáticos, parece não haver uma preocupação com o destinatário e seu entendimento acerca da informação recebida, ensina Wolton (2011, p. 59):

(A comunicação) só tem sentido através da existência do outro e do reconhecimento mútuo. O destinatário existe desde sempre, mas a ruptura democrática consiste em reconhecer a liberdade e a igualdade dos protagonistas, ou seja, a igualdade do receptor, que pode aceitar, recusar ou negociar a informação.

Esse ‘perfilhar o outro’ é que caracterizará a comunicação ocorrendo, de fato, entre emissor e receptor, entre o remetente e o destinatário. Entretanto, a incidência com o outrem pode acarretar em conflitos, desde que não exista uma clarividência sobre o espaço a ser partilhado, conforme afiança Lévinas (1997, p. 31):



O encontro com outrem consiste no fato de que, apesar da extensão da minha dominação sobre ele e de sua submissão, não o possuo. Ele não entra inteiramente na abertura do ser em que já me encontro como no campo de minha liberdade. Não é a partir do ser em geral que ele vem ao meu encontro. Tudo o que dele me vem a partir do ser em geral se oferece por certo à minha compreensão e posse.

Destarte, desconsiderar a participação do receptor no processo de significação – e consequentemente seu poder de discernimento – é não levar a alteridade como questão crucial para a comunicação, assevera Wolton (2011, p. 88):

A comunicação é o aprendizado da convivência num mundo de informação onde a questão da alteridade é central. [...] A questão da comunicação resume, portanto, a da emancipação do indivíduo. É o direito de pensar, de exprimir-se, de buscar o outro, de relacionar-se, de recomeçar, de superar tabus e de construir certa verdade, mas também de fracassar, de cair na solidão, na incompreensão.

Na esteira do pensamento de Lévinas (1997), enxergar o “rosto” é reconhecer a alteridade no outrem. Encontrar este “rosto”, para o filósofo francês, seria como completar o processo de comunicação através do discurso entre dois seres que, finalmente, se reconheceriam naquilo que são. Isso impediria qualquer ruído na comunicação, seja pela intenção que for, ainda de acordo com Lévinas (p. 31-32):

Posso, é claro, ao matar, *atingir* um objetivo, posso matar, como faço uma caçada ou como derrubo árvores ou abato animais, mas, neste caso, apreendi o outro na abertura do ser em geral, como elemento do mundo em que me encontro, vislumbrei-o no *horizonte*. Não o olhei no rosto, não encontrei seu rosto. A tentação da negação total, medindo o infinito desta tentativa e sua impossibilidade, é a presença do rosto. Estar em relação com outrem face a face – é não poder matar. É também a situação do discurso.

O ato de informar e comunicar, entendido sob a ótica de Wolton, e a alteridade, sob o prisma de Lévinas, encontram-se demarcados na cotidianidade representada pela mídia através do jornalismo.

Cotidianidade e Jornalismo

Falar do cotidiano é inextricavelmente complexo; assim, destacamos que ao percorrer o itinerário que procura os fundamentos da vida cotidiana, é fulcral considerarmos, de modo apriorístico, algumas estruturas do "eu", da sua formação, devendo a vida cotidiana ser compreendida em relação ao contínuo desenvolvimento orgânico, mais fundamentalmente,



com o processo social e de interação social por meio da linguagem, pois “esses grupos *face-to-face* estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade [...]” (HELLER, 2000, p. 34).

A aproximação a um entendimento do "eu", em um primeiro momento, não vem jogar a vida privada em oposição à vida pública no seio de nossas reflexões sobre a cotidianidade. Essa busca se justifica pelo fato de ser o primeiro *locus* no qual a consciência encontra-se manifesta, pois a consciência porta um caráter intencional (ela é sempre consciência em relação a algo ou alguém) e sua mobilidade se dá por meio de diferentes esferas da realidade que estão em constante contato com o indivíduo e com os grupos dos quais este forma parte.

Ao mesmo tempo, podemos afirmar que a vida cotidiana se impõe à consciência do sujeito de maneira urgente, como a realidade por excelência, unívoca, no intento de significado único e de uma cultura monológica. Aqui, parece-nos pertinente dizer que antes da entrada do sujeito em atividade normativa, natural, a vida cotidiana já aparece objetivada pela linguagem, pois já está pronta e o indivíduo nasce nesse caldo cotidiano e linguageiro complexo.

Portanto, não privilegiar o papel "eu" do indivíduo, do particular na cotidianidade é cair em incongruências teóricas e desconsiderar a capacidade que os sujeitos têm de dar sentido à vida que o cerca, assim como às instituições, lugares e pessoas que fazem parte das diferentes mediações às quais os sujeitos pertencem. Na esteira de Certeau (1994, p. 20), asseveramos que:

Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas. Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira em beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro das operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos.

O indivíduo é ser particular que assimila a realidade social de maneira única e irrepitível. As necessidades humanas são, em um primeiro momento, necessidades do "eu". No "eu" nascem os afetos, as paixões, as ideologias, as ideias, que são construídas historicamente, repousando sua base em uma estrutura temporal. O ser particular, a particularidade do humano, não absorve a totalidade desses aspectos, e é nesse sentido que



Heller (2000, p. 34-35) nos apresenta outra dimensão que envolve o homem na vida cotidiana, o homem-genérico:

A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Considerado em sentido naturalista, isso não o distingue de nenhum outro ser visto. Mas, no caso do homem, a particularidade expressa não apenas seu ser "isolado", mas também seu ser individual. Basta uma folha de árvore para lermos nela as propriedades essenciais de todas as folhas pertencentes ao mesmo gênero; mas um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade.

Considerando essas questões, à medida que o humano-genérico contém e é contido no indivíduo, o homem passa a ser parte consciente de várias integrações e mediações. Dessa maneira, o indivíduo rompe com a intrasubjetividade, e partilhando da interação social na alteridade, emerge no plano da intersubjetividade. Nesse aspecto, começa a haver a possibilidade de uma unidade vital entre a particularidade e o humano-genérico, importando perceber a necessidade de elevação desses dois elementos à consciência. Heller (2000, p. 38) assevera que:

Na vida cotidiana, a esmagadora maioria da humanidade jamais deixa de ser, ainda que nem sempre na mesma proporção, nem tampouco com a mesma extensão, muda unidade vital de particularidade e genericidade. Os dois elementos funcionam em si e são elevados à consciência. O fato de se nascer já lançado na cotidianidade continua significando que os homens assumem como dadas as funções da vida cotidiana e as exercem paralelamente.

Como afirmamos anteriormente, podemos perceber que a inter-relação na dualidade que há entre a particularidade e genericidade na problemática do cotidiano e intrasubjetividade x intersubjetividade, que, de acordo com Agra Filho (2006), estão no ventre de determinados elementos, a saber:

- a) O institucional;
- b) A linguagem como objetivadora do conhecimento na vida cotidiana;
- c) O processo de interiorização desse conhecimento pelo aparelho cognoscitivo;
- d) A sedimentação e a tradição;
- e) A legitimação dos universos simbólicos;
- f) Os mecanismos de manutenção desses universos;
- g) A organização social para a manutenção desse universo;
- h) A sociedade como realidade subjetiva;



- i) A interiorização da realidade;
- j) A socialização.

Esses elementos possibilitam a construção da cotidianidade a partir da dita sociedade hodierna e são adubo para que o indivíduo tenha condições de, ainda que anonimamente, criar condições de interpretação e ressignificação frente ao mundo que o rodeia, produzindo, nas palavras de Duran, uma bricolagem na economia cultural dominante, “pela possibilidade de descobrir inúmeras metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras” (DURAN, 2007, p. 120).

Nos estudos sobre a cotidianidade, a cultura¹ está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social, afinal, a cultura cotidiana não é um dado, não é natural, e sim uma construção, uma invenção, que partiu de um tempo, de um lugar de emergência, e como diria Certeau, de uma operação historiográfica ou epistemológica: “Para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais, é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 1994 apud DURAN, 2007, p. 120).

A partir das discussões trazidas à arena deste trabalho, vamos tecer algumas observações acerca da noção de sujeito no mundo contemporâneo, já que nos dará condições de mirar as produções midiáticas de “Brasil Urgente” e “Documento Especial”, a partir do lugar que os atores sociais enunciados assumem no discurso jornalístico.

A análise do discurso no estudo da cotidianidade

Ao adentrar na Análise do Discurso (AD) de linha francesa como método-guia de análise, é necessário considerar que os enunciados proferidos são construídos no interior de uma conversa e que, portanto, a significação da mensagem se encontra em movimento em função das possíveis interpretações a que está sujeita. Como destaca Manhães (2009, p. 305), esses sentidos começam a ser produzidos “quando um emissor tenta mostrar o mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, movido por uma intenção”.

¹ Não pretendemos levar a cabo uma discussão sobre o caleidoscópio do conceito de cultura nas diferentes ciências, pois este não é o anelo deste trabalho.



A análise do discurso contribuirá, portanto, com o estudo de diferentes técnicas de composição utilizadas e seus efeitos semânticos. Considerando que toda linguagem é dialógica, esta metodologia ajudará a refutar a visão “ingênua de que o discurso poderia conter uma verdade intrínseca ou uma literalidade [...], como se o sentido existisse de forma independente e pudesse ser simplesmente acessado ou não” (BENETTI, 2008, p. 107).

Ou seja, “o analista do discurso vem, dessa forma, trazer sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas. Como todo hermeneuta, ele supõe que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível”, conforme assevera Maingueneau (2009, p. 10-11). O autor ainda acrescenta um adendo ao afirmar que a metodologia em questão relaciona-se com textos produzidos:

- a) no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação;
- b) nos quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc.;
- c) que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado.

Também nesse sentido, lembremos que a posição social do produtor-receptor na estrutura social afeta as subjetividades intrínsecas no discurso. Consideremos, ainda, que as três instâncias de sujeitos inscritos no discurso, conforme enumera Brandão (1998): o locutor (aquele que fala; não apenas o falante, mas também os sujeitos que falam por meio dele), o alocutário (para quem o texto se dirige) e o delocutário (aquele de quem se fala).

Com isso, podemos destacar que a AD permite que estudemos os “rastros” deixados pelas ideologias, subjetividades e contextos, a exemplo da visão que o enunciador possui a respeito de determinada classe socioeconômica e o que ele deseja transmitir a respeito da mesma. Ou seja, pode analisar como o enunciador, a partir do prisma de sua realidade cotidiana, enxerga a cotidianidade do outro e os recursos utilizados para transmitir essa visão.

Lembremos também que as ações do dia a dia são procedimentos que estão influenciados pelos processos de criação de gestos, sentidos e identidades por meio do uso, aceitação, inversão ou questionamento do conhecido em um espaço social (MEAD, 1993). Isso significa que o cotidiano, imbricado às trocas sociais, caracterizar-se-ia pelo contínuo embate dos sujeitos, que criam, selecionam, combinam, fazem “bricolagens” e criam significações em busca do melhor arranjo diante de seus interlocutores e da cultura. Para atingir seus interlocutores, os produtores de informação consideram esses contextos e práticas sociais com o intuito de se aproximarem do público.



Com isso, também devemos ponderar que, conforme ensina Charaudeau (2009, p. 131):

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvendá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade.

Portanto, essa metodologia analisa a mensagem ocupada com o funcionamento do discurso, observando suas interpretações e sua dependência com um determinado contexto. Ela estuda as palavras e expressões tanto em relação à forma quanto às circunstâncias em que são proferidas, além dos significados ou interpretações de práticas discursivas.

Documento Especial – Televisão Verdade: o programa

Exibido pela TV Manchete², desde 1989, o programa trouxe inovações no formato jornalístico, tomando por base o Globo Repórter³, mas abordando temáticas que iam além daquelas trazidas pela grande mídia, conforme ensina Mattos (2010, p. 228):

Em setembro (de 1989) a Manchete lança o que viria a ser um dos melhores programas jornalísticos da televisão brasileira: Documento Especial, apresentado por Roberto Maia e dirigido por Nelson Hoineff. Programa jornalístico explícito, abordava temas polêmicos e sensacionalistas como nenhuma outra emissora tinha conseguido até então.

Com tais características, o programa pode ser considerado como uma peça jornalística única na televisão brasileira, trazendo edições que marcaram sua história, como a estudada neste trabalho: *Os pobres vão à praia*⁴.

² A TV Manchete foi uma emissora de televisão que foi ao ar pela primeira vez em 5 de junho de 1983 e existiu até o ano de 1999, quando foi vendida ao grupo TeleTV – que originaria a RedeTV – por conta de dívidas contraídas ao longo de sua existência.

³ Programa de cunho jornalístico-documentário exibido na TV Globo desde 1973. Fonte: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

⁴ A edição foi postada na rede *youtube* em 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dScOfGOXdA8>>. Acesso em: 30 ago. 2014.



A edição: os pobres vão à praia

Com o sugestivo nome que remete a uma classe socialmente inferiorizada na ida à praia, a edição foi apresentada em 1989 – ano de estreia do programa. Logo em sua fala inicial, Roberto Maya, apresentador do programa, diz: *“Você vai acompanhar também uma odisseia de várias horas e muitos obstáculos para o que seria a mais prosaica das diversões: ir à praia numa tarde ensolarada”*. Utilizando termos pouco usuais na fala introdutória da atração, como os vocábulos *“odisseia”* e *“prosaica”*, entendemos que há, neste momento inicial da edição, um posicionamento mais *“elitista”* por parte da produção do programa – impressão corroborada com seu cenário: uma sala de estar com uma poltrona ao lado de uma mesa com um abajur; atrás da poltrona em que o apresentador fica a maior parte do tempo há uma estante com livros; ao lado do apresentador está disposto um espelho, que reflete a imagem da biblioteca com livros.

Definindo o termo *“prosaico”*, encontramos: **“1. Da, ou semelhante ou relativo à prosa. 2. Trivial, vulgar (FERREIRA, 1993)”**; já em *“odisseia”*: **“1. Viagem cheia de peripécias e aventuras. 2. Série de complicações ou ocorrências variadas e inesperadas (FERREIRA, 1993)”**. Portanto, o que viria a seguir pode(ria) ser inerente à vulgaridade e à uma viagem cheia de peripécias e/ou complicações, legitimando o posicionamento do sujeito-jornalista produtor da atração: (re)tratar o tema exibido sob a ótica de um nicho distinto àqueles que protagonizam a pauta apresentada.

O “eu” mascarado por um cotidiano incomum

Após a fala introdutória, a edição exhibe a dificuldade dos suburbanos – apresentados aqui como *“pobres – de irem à praia, chegando, inclusive, a comparar essa viagem a uma guerrilha*. As cenas apresentadas mostram a dificuldade em pegar o já lotado trem e o ônibus, que não proporciona o menor conforto aos usuários, dada sua lotação. Neste trecho, chama a atenção os casos de violência ocorridos entre o trajeto do subúrbio às praias da zona sul da capital fluminense: primeiro, é mostrada a ação dos batedores de carteira em meio à multidão que embarca nos ônibus; depois, a edição volta seu enfoque a um assassinato ocorrido em uma dessas viagens. Aqui, Roberto Maya introduz a cena com os seguintes dizeres: *“Se uns buscam o prazer arriscando a vida, outros encontram a morte querendo apenas se divertir. Foi*



o caso do vereador Daniel Geraldo dos Santos. Ao reagir a um assalto, no interior de um ônibus, foi morto com um tiro na cabeça”. Enquanto o apresentador profere sua fala, é exibida a cena do vereador morto no ônibus, sem nenhum tipo de censura na cena do crime.

Este apanhado da edição nos dá a entender que há uma visão um tanto maniqueísta sobre o cotidiano “normal” do telespectador que está assistindo X àquele cotidiano que até então não fora exibido pela televisão. Ninguém espera sair e ser assaltado no ônibus – ou até mesmo assassinado – ou ter seus pertences subtraídos por batedores. Essa dualidade pode encontrar raiz no não privilegiar o papel do “eu” na cotidianidade, o que levaria, conforme dissemos anteriormente, a incongruências, por não considerar a capacidade dos indivíduos de dar sentido à vida, esclarecidas por Certeau (1994, p. 20), cujas reflexões cunham que não devemos tomar os outros por idiotas, tampouco desconsiderar a “concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos”. Assim, a alteridade posta aqui em questão só se emaranha na comunicação quando o “outro” existe e é reconhecido, conforme esclarece Wolton (2011). E isso só será colocado em riste no momento em que houver o reconhecimento do espectador, mas também – e sobretudo – o “não possuir” o outro, conforme coloca Lévinas (1997).

O Brasil Urgente e sua inserção no cotidiano

Diferentemente do Documento Especial, o Brasil Urgente continua em exibição atualmente, tendo estreado na televisão brasileira já no século XXI. A primeira edição foi ao ar, na Rede Bandeirantes, em dezembro de 2001, sob o comando do jornalista Roberto Cabrini. Com linha popular e enfoque em notícias policiais, o programa se caracteriza por constantes entradas ao vivo de repórteres em locais de crimes e tragédias.

Uma característica marcante do jornalismo adotado pelo Brasil Urgente é o protagonismo de seu âncora, atualmente sob o comando de José Luiz Datena. Ele busca se aproximar de seus alocutários por meio de seu fala, que coloca o apresentador como alguém que compartilha os mesmos percalços, decepções e ensejos cotidianos do público do programa. Notamos isso pelas temáticas tratadas e pela postura de Datena ao abordá-las, como exemplificamos na sequência.

Logo no início do programa, o apresentador busca se inserir intimamente no cotidiano de quem o assiste. Para isso, costuma utilizar expressões como: *Boa tarde, meus*



amigos. Obrigado pela licença que você nos concede de entrar em sua casa com as principais notícias do Brasil e do mundo. Diferentemente de um telejornal “usual” e com bancada, são estabelecidas relações que penetram no cotidiano do público, notável em vocábulos e termos como “meus amigos” e no agradecimento pela licença de entrar na casa, ou seja, de se inserir no local mais íntimo de quem assiste.

Fica apenso, no uso dessas expressões, que a enunciação coloca receptor e emissor em uma relação de igualdade, horizontal. O sujeito-apresentador entra pela porta das residências, se senta na sala e inicia uma conversa acerca da brutal realidade brasileira; a interpelação parece ocorrer face a face.

Essa perspectiva continua posta nas temáticas, normalmente relacionadas à violência urbana cotidiana, e na maneira como Datena se insere como parte da notícia. É a partir disso que parte este estudo, considerando a análise a respeito da forma como o apresentador, por meio de seu discurso, busca se colocar no patamar dos atores sociais representados no programa e da realidade cotidiana.

Como corpus de análise, selecionamos duas edições. Em uma delas, exibida no dia 28 de novembro de 2012, Datena negociou, ao vivo, o fim de um sequestro ocorrido na cidade de Diadema (SP), no qual um homem chamado Joel mantinha a mãe e a irmã como reféns, após suposto desentendimento. O foco do estudo está, sobretudo, no discurso proferido após o final da negociação. Na outra edição analisada, o apresentador chora ao conversar ao vivo com o marido de uma doméstica morta em um assalto, ocorrido dentro de uma casa lotérica do ABC Paulista.

O locutor diante do delocutário

Ao longo do programa, Datena demonstra seu posicionamento a respeito das temáticas e casos abordados nas matérias. Ele se coloca como alguém capaz de avaliar as atitudes dos atores sociais, das pessoas públicas e dos cidadãos em geral. Nas duas edições estudadas, verificamos marcas desse posicionamento enunciativo diante do outro representado. A passagem abaixo, proferida após o final do sequestro, demonstra essa perspectiva:



Por exemplo, eu não ouço bandido que faz refém, eu não ouço marginal e tal. Mas eu percebi que era um cara de bem, que dava pra conversar com ele, e que ele poderia libertar a família dele e não se machucar mais. [...] Quando eu percebi que o sujeito era boa gente, eu achei que, o fato da polícia ter pedido pra gente falar com ele poderia dar certo e, felizmente, deu.

Expressões como “cara de bem” e “boa gente” carregam um “não-dito” (DUCROT, 1972) que remete a qualidades como caráter idôneo e íntegro. Ele também afirma ter certeza que se trata de alguém honesto. Ou seja, o sujeito-apresentador, mesmo sem conhecer o cidadão a quem atribui essa característica, julga-o de forma a inocentá-lo – ou diminuir a gravidade – do crime. Na edição em que entrevista Raimundo, o marido da doméstica morta após assalto a uma lotérica, Datena também utiliza esse tipo de argumento, como quando afirma que se tratava de “uma coitada de uma mulher que só quis pagar a conta”.

A visão sobre a cotidianidade e a aproximação com o outro

Parece-nos pertinente dizer que antes da entrada do sujeito em atividade normativa, natural, a vida cotidiana já aparece objetivada pela linguagem, pois já está pronta e o indivíduo nasce nesse caldo cotidiano e linguageiro complexo. Também salientamos que a aproximação a um entendimento do “eu” não vem jogar a vida privada em oposição à vida pública no seio de nossas reflexões sobre a cotidianidade.

Na edição em que negocia com o sequestrador, Datena repete, por diversas vezes, palavras e frases como “sou seu amigo”, “deixe a mamãe sair” e “meu filho”. Tais expressões criam um ambiente de certa intimidade entre ambos, uma vez que costumam ser utilizadas, dentro do universo idiossincrático do programa e no mundo social de sujeitos afetivamente próximos. O apresentador as utiliza para tentar convencer Joel a libertar as reféns. Cria-se, com isso, o que Ducrot (1972) caracteriza como a utilização da língua no estabelecimento de regras de um jogo que se confunde com a existência cotidiana. Datena faz afirmações que entram na existência íntima de Joel, como: 1. *Você tem que confiar no seu amigo aqui. Você diz que gosta de mim e acredita que eu possa colaborar com você;* 2. *Eu sei que você está (emocionado), meu filho. Deixa a mamãe sair;* 3. *Quando ver você saindo, quero te dar um abraço (sic).*

Na edição em que entrevista Raimundo, o apresentador também utiliza mecanismos discursivos que o colocam de forma mais próxima ao outro. Exemplo disso é imaginar



membros da própria família sofrendo um assassinato como o relatado. Ele cria essa aproximação em passagens como: *Na hora, veio a imagem da minha mãe na cabeça. Minha mãe morreu de doença, em um leito de hospital. Não dessa forma trágica e se minha mulher morrer hoje, eu morro junto.*

Ainda mais imperante é notar o envolvimento de Datena com Raimundo, a ponto de fazer com que o apresentador chore no ar. Ele tenta entrevistá-lo como lhe é habitual no programa, mas enxergar que há um ser humano sofrendo ao falar sobre a morte da esposa faz com que o apresentador vislumbre o horizonte do outro. Ou seja, como bem assevera Levinas (1997), ele passa a enxergar o rosto do outro, a estar em relação face a face com ele.

Também sobressai o fato de que Datena utiliza uma enunciação religiosa nos dois casos analisados. Tanto durante quanto após o sequestro, o apresentador utiliza “Deus” como argumento. Em uma das situações, é possível escutar uma das mulheres pedindo para o sequestrador desistir. Datena, então, afirma: *Ouçã a sua mãe porque é Deus que está falando através dela -*, o que outorga bem o contexto do emissor do discurso. Podemos afirmar isso ao refletirmos que, no Brasil, há um grande número de religiosos e que tal enunciado, subjetivamente, situa-se carregado pelos discursos das crenças predominantes no país. Após o sequestro, para justificar sua ação na negociação, Datena também repete trechos como: *Eu digo e repito: eu continuo acreditando muito em Deus. Deus nunca me abandonou, jamais. Eu senti que haveria possibilidade de ajudar.*

Considerações Finais

Neste trabalho, entendemos que problematizar a questão da cotidianidade na produção noticiosa e o lugar do sujeito-jornalista e do enunciatário - interlocutores que interagem, sujeitos que se constituem e são constituídos no e pelo discurso na cotidianidade - é conferir uma observação e uma leitura do universo midiático que transcenda os imperativos do senso comum, das teorias manipulativas da mídia e da passividade do receptor.

O sujeito é um lugar social que é atribuído a quem enuncia, vive e trava relações dentro de certas condições de existência, de produção, de emissão e de recepção. Dos programas aqui analisados, chegamos a algumas observações relevantes:



- a) O cotidiano é basilar para a compreensão do jornalismo contemporâneo, haja vista ele dispor de elementos que plasmam a complexidade do tecido social, muitas vezes reificado pelo discurso midiático;
- b) O deslocamento do lugar do sujeito jornalista na produção noticiosa é compreensível em uma sociedade racionalizada; daí vemos a posição de Datena como uma tática retórica, mas, ao mesmo tempo, um jogo identitário no qual ele “se faz” cidadão, se faz gente comum que sofre, ama, chora, sente e deseja.
- c) O discurso jornalístico de Datena se mistura com o religioso, na medida em que se vale de estratagemas enunciativas que interpelam o sujeito receptor por meio de uma enunciação cristã, podendo dar mais espaço a ambiguidades e menos a informação.
- d) O sujeito do cotidiano apresentado em “Os pobres vão à praia” traz um olhar importante por lançar luz a um grupo social hostilizado e ridicularizado, mas, concomitantemente, o discurso está eivado de antinomias e maniqueísmos próprios da sociedade pós-moderna.

O jornalismo é a prova da ausência do que designa, uma vez que se organiza num sistema de satisfação, pois deseja a compreensão e o acompanhamento do mundo no qual nos queremos confortáveis e seguros. Muitas vezes, algumas enunciações são utilizadas para bloquear a consciência mediante uma satisfação falseada em estereótipos, generalizações e ironia no interior de tentativas quixotescas produzidas pelos sujeitos jornalistas que, ao contarem suas histórias, pensam que estão dando consciência, abrindo espaço àquilo/àqueles que não têm valor-notícia: resta-nos saber que efeitos tais discursos produzem na cotidianidade, em suas diferentes mediações. Em meio a essas dúvidas, a certeza que temos é que a alteridade tem parte indispensável no discurso midiático que completa o processo de comunicação em sua essência.



Referências

- BENETTI, M. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. IN: BENETTI, M; LAGO, C. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRANDÃO, H. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução Epharain Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. v. 1
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- DUCROT, Oswald. **Princípios da semântica linguística (dizer e não dizer)**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- DURAN, Marília, C. G. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau**. Curitiba: Diálogo Educ, 2007.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**, 8. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MAINGUENEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad**. México: Paidós, 1993.
- STRAUBHAAR, Joseph, LAROSE, Robert. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.
- WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Carlos Alberto Garcia Biernath - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp. Bauru | SP | Brasil Contato: beto.biernath@gmail.com

Kelly De Conti Rodrigues - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp. Bauru | SP | Brasil Contato: decontik@yahoo.com.br

Marcelo da Silva – Universidade Federal do Maranhão – UFMA. São Luís | MA | Brasil. Contato: marcelosilva_rp@hotmail.com

Artigo recebido em outubro de 2014 e
aprovado em novembro de 2014